





Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

# Revista Internacional do Espiritismo

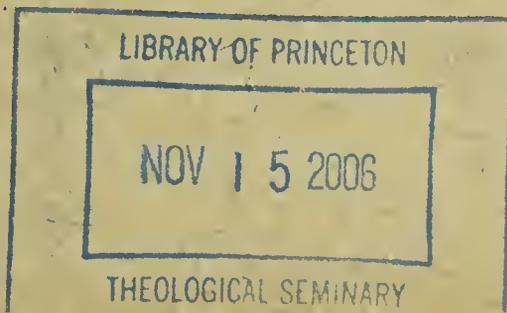
LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

## SUMÁRIO

Considerações sôbre a Paz . . . . .	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst . . . . .	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Decálogo do Espiritismo de Vivos . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Destruir a Lei... . . . .	<i>J. B. Chagas</i>
Trinta anos entre os mortos . . . . .	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Sugestão e Atitude Mental . . . . .	<i>Adauto de Oliveira Serra</i>
Fenômenos de Materialização . . . . .	<i>Amadeu Santos</i>
Livros e Autores . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Confederação Espiritica Pan Americana . . . . .	<i>C. E. P. A.</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>









# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## Considerações sôbre a Paz



NALISANDO o cenário da política mundial, principalmente o que se relaciona com o restabelecimento da paz entre as nações, podemos afirmar, sem receios de

eventual contestação, que as profecias de Jesus, ampliadas e confirmadas pelo Vidente de Patmos, estão se realizando integralmente.

Enquanto os mais eruditos diplomatas mundiais se reúnem ora aqui, ora ali, ora acolá, para assentarem as bases de uma paz duradoura, sem jamais chegarem pelo menos a um entendimento superficial, as nações em litígio diplomático, cada uma defendendo com unhas e dentes os seus interesses, com a pretensão deplorável de quererem ainda o que não lhes pertence, vão se armando clandestinamente, á semelhança da Alemanha de Hitler. E quando os vastos estoques de armamentos, escondidos em intermináveis depósitos subterrâneos, estiverem a ponto de se perderem, então assistiremos ao deflagrar da terceira bomba apocalíptica.

Porisso não acreditamos no restabelecimento da paz, ou no estabelecimento da verdadeira paz, visto que a humanidade, desde o advento dos primeiros sêres, nunca desfrutou

da paz que todos indistintamente ambicionam, porque a sua longa e dolorosíssima história está abarrotada de guerras fratricidas, de atrocidades, assaltos, defraudações, de matança até em nome do Cristo, daquele Cristo humilde que disse não ter uma pedra sôbre a qual pudesse reclinar a cabeça e que nos mandou amar os nossos próprios inimigos e orar pelos que nos perseguem e caluniam.

A humanidade ainda não está preparada para a paz. Para a concretização deste supremo anseio, ainda terá que lutar muito, não contra os seus inimigos externos, representados pelos seus semelhantes, mas contra os seus inimigos internos, que residem no seu coração empedernido, no seu cérebro orgulhoso e egoísta, no âmago, enfim, de sua alma alimentada por vícios inveterados e baixas paixões, reflexos da animalidade de que terá que se despojar em lutas renhidas, em que as dôres e as provações físicas e morais serão os seus melhores professores. Porisso, bem certa está a sentença latina: «Se quereis a paz, preparai-vos para a guerra». Guerra contra os nossos inimigos internos, deve ser o fundo moral desta sentença, e não contra os nossos semelhantes, a quem devemos estimar como irmãos, segundo ensinou Jesus Cristo.

A ameaça de nova guerra se desenha cada vez mais rubra nos horizontes. E enquanto isso, as revoluções intestinas vão sangrando a vida das nações, como frutos imediatos e amargos das desinteligências das já célebres conferências e organizações da paz. As ideologias, que têm sua origem na miséria, surgem em partidos, *democraticamente* aumentando a confusão, pondo mais lenha na imensa fogueira das competições humanas, numa carreira desenfreada para os altos postos prodigamente remunerados à custa da miséria do próprio povo, que acredita sempre nas eternas promessas dos salvadores de última hora, mas que não quer saber das promessas de Jesus Cristo, as únicas que realmente são cumpridas rigorosamente, se considerarmos os seus feitos e suas lições baseadas no amor do próximo e na sobrevivência individual.

A segunda grande guerra terminou há mais de um ano, após seis anos de amarga e desanimadora expectativa, e até agora nada de concreto foi realizado para sustentáculo de uma paz chamada duradoura. Será possível que os fundamentos da paz levarão mais tempo a serem assentados que a duração dessa guerra pavorosa? A diplomacia tem se mostrado sempre impotente, incompetente para evitar as guerras, porque senão as guerras há muito estariam fóra das cogitações humanas. Por isso que somos pessemistas com relação ao assentamento da paz em firmes alicerces.

Podemos afirmar, estribado nas deduções que tiramos da evolução da humanidade, desde o homem da caverna até o homem dos nossos dias, que a paz permanecerá como

um problema insolúvel enquanto os homens não se educarem moralmente, cada um respeitando o direito do outro, ajudando-se reciprocamente em suas necessidades mais urgentes, certos de que a felicidade de um depende da felicidade dos outros, da mesma maneira que um membro da família não se sentirá feliz com os demais membros enfêrmos, ou vice-versa.

Quando isso suceder, então sim, a verdadeira paz erguerá a sua cátedra em todos os corações, no lar, na sociedade, nas nações, e as guerras desaparecerão como triste recordação do atraso moral dos povos, do homem, em suma.

Mas quem contribuirá para a reforma moral dos homens? As religiões seculares, que já estão de bancarrota, devido á sua incompetência para guiar e cristianizar os povos? A ciência oficial, que sempre foi materialista e que já chegou ao ponto de negar a alma, visto não a ter recortado com a ponta do escalpêlo? As filosofias abstratas? Não, será o Espiritismo que reformará o indivíduo, mostrando-lhe o verdadeiro caminho à luz do Evangelho e da Imortalidade da Alma.

Esse trabalho já está em andamento. Os homens sinceros e de boa vontade, apreciavelmente ajudados pelos espíritos encarregados de espiritualizar a humanidade, que provocam fenômenos psíquicos com o fim de chamar a atenção de cépticos e incipientes, estão se movimentando, num esforço comum, fraternal e único, para que a Verdade brilhe em todo o seu esplendor, felicitando a todos com o advento de uma nova era de paz, justiça e fraternidade.

---

O Espiritismo não foi enviado à terra para guerrear a ciência e as religiões, como pensam os mais incientes, mas ampliar o campo dos conhecimentos dêsses valores capitais do progresso humano. Se existe guerra, esta é o fruto do orgulho, do preconceito e do mercantilismo dos defraudadores da Verdade. Prossegui na vossa tarefa, porque não está longe o dia em que todas as guerras desaparecerão sob o império do espírito.

# A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

Todos os remédios, porém, resultaram ineficazes e o médico teve que recorrer aos passes magnéticos que, por certo tempo, suspenderam os espasmos.

Ruídos caluniosos circularam, então, entre o povo, que se deixou levar por prevenções contra ela, porque se contara que, durante suas crises, chamava frequentemente, em alta voz, aquêlê homem, que fôra o único a dar-lhe algum alívio. Ela teve conhecimento de tal facto, mas, consciente de sua inocência, ouviu a narração com indiferença, como fizera outróra, com os falatórios, infelizmente naturais ao seu sexo, e com o escândalo de que todo o mundo buscou fazê-la vítima.

Certo dia, como sofresse de espasmos violentos, sua criada aliviou-a, soprando, por espaço de uma hora, na cavidade do seu epigastro.

Como estivesse, frequentemente, em estado magnético, pareceu provável que um tratamento magnético, aplicado com regularidade, seria capaz de curá-la e seu médico o propôs, com efeito. Morava êle, porém, muito longe para pôr, êle próprio, tal projeto em execução e seu marido não consentiu que ela deixasse sua residência. Por certo tempo, um tratamento homeopático foi aplicado com sucesso e, pouco depois, ficou grávida, circunstância que fez nascer grande esperança de melhoria em seu estado de saúde.

Durante sua gestação, o sonho, que tivera algum tempo antes, se realizou. Quando se achava tomada de convulsões, ouvira seu pai conversar, na peça vizinha, com dois médicos, a voz de um dos quais lhe era conhecida. Naquela ocasião, fez uma visita a seus pais e tomou muitos banhos medicinais em Löwenstein, o que pareceu dar-lhe fôrças. No mês de Fevereiro de 1823, depois de longos padecimentos, deu à luz um menino. Seu parto foi seguido de uma enfermidade longa e cruel.

A mulher que, antes, lhe causara

tanto mal, deu um pouco de leite a seu filho e insistiu para que ela própria o dêsse. A criança foi tomada de convulsões e, desde aquêlê momento, teve convulsões periódicas dos membros, até a época da sua morte que se deu no mês de Agosto. A mãe voltou, em seguida, novamente aos banhos de Löwenstein e regressou, depois, a sua casa, bem pouco aliviada e num estado de profunda depressão.

Em Fevereiro de 1824, recebeu a visita de alguns amigos e sua casa encheu-se de alegria e dansas. Ela, no entanto, permanecia triste e, num momento em que tudo estava calmo, uma das suas companheiras a encontrou em preces e zombou dela. A sra. Hauffe sentiu isto tanto que ficou fria e rígida como um cadáver. Durante muito tempo sua respiração ficou imperceptível, até, finalmente, ouvir-se um estertor no seu peito. Recorreu-se a banhos e a outros remédios e ela voltou a si, mas para continuar a sofrer. Parecia viver como num sonho.

Certa vez, não falou senão em versos, durante três dias. Outra vez e durante um mesmo período, não via senão uma bola de fogo que cruzava todo o seu corpo, com longas e rápidas chispas brilhantes. Em seguida, por três dias, pareceu-lhe que água caía, constantemente, gota a gota, sôbre a sua cabeça e foi, então, pela primeira vez, que viu sua própria imagem. Ela via, a si própria, vestida de branco e sentada num escabêlo, enquanto se achava estendida em sua cama. Contemplou, certo tempo, a visão e quis gritar, mas não pode. Finalmente, fez-se ouvir e, assim que seu marido entrou no quarto, tudo desapareceu.

Naquela época, sua faculdade de percepção tornara-se tão apurada que ela ouvia e sentia tudo o que acontecia à distância e ficou tal a sua sensibilidade às influências magnéticas que a presença de pregos nas paredes a indispunha e foi

preciso arrancá-los. E não podia suportar luz alguma.

Como nada se conseguisse, suas amigas aconselharam-na a experimentar um remédio recomendado por um menino em estado de transe. O resultado foi torná-la mais sensível ainda ao magnetismo, porém ficou mais calma. Ficou de tal modo refratária à luz que foi levada para Oberstenfeld numa carruagem completamente fechada e, como chegasse três horas antes de anoitecer, foi obrigado a esperar até que tudo ficasse escuro para ela entrar em sua casa.

Ficou, então, aos cuidados do Dr. B... e lhe pediu alívio para suas convulsões e ansiedades. (1) Ela não existia senão graças ao fluido nervoso dos outros e era necessário que alguém lhe desse constantemente a mão e, quando tal pessoa não estava de boa saúde, isto aumentava a fraqueza da enferma. O médico prescreveu passes magnéticos e medicamentos, porém ela caía logo no sono magnético e fazia, ela mesma, suas prescrições. O que a fazia sofrer mais vivamente era a sensação de um peso enorme sobre sua cabeça; parecia-lhe que seu cérebro estava comprimido e cada movimento respiratório o tornava doloroso. Essas sensações perturbavam seu sono que só durava o tempo que alguém pousava a mão sobre sua fronte. Foi nessa ocasião que se procurou colocar um imã sobre sua testa; logo sua cabeça se voltou, seus traços mudaram e a boca ficou torcida como se sob um ataque de paralisia. Tais sintomas persistiram durante dois dias e desapareceram por si sós.

Naquela mesma época, durante sete dias, às sete horas da noite, sentia-se magnetizada por um espírito, visível só a ela. Em tal espírito, reconheceu sua avó, que a magnetizava com três dedos afastados como raios e dirigindo os seus passes para a região epigástrica. O que parece incompreensível ainda que atestado por várias pessoas dignas de fé, foi que, durante todo esse período, todos os objetos, cuja vizinhança lhe era prejudicial, eram afastados por u'a mão invisível. Assim, objetos tais como uma colher de prata,

por exemplo, eram, diante dos olhos de todos, arrebatados de suas mãos e colocados a uma distância conveniente, sobre um prato. Não eram lançados com violência, mas transportados docilmente pelo ar, como levados por uma força invisível. Estando mergulhada num sono profundo, declarou que só o magnetismo podia salvá-la.

Foi, então, que começou a ver outras pessoas detrás daquelas sobre as quais seus olhos se fixavam. Assim, viu seu irmão Henrique, já falecido, por detrás da sua irmã mais moça. Detrás de uma de suas amigas, viu a forma fantasmal de uma velha que conhecera, em sua infância, em Löwenstein.

Depois disto, seu tio lhe prescreveu um tratamento magnético regular que foi aplicado pelo Dr. B., mas êle não deu resultado, no começo. Ela parecia absolutamente incapaz de suportar a presença do seu magnetizador, que era, muitas vezes, obrigado a deixar o quarto. Com o tempo essa antipatia diminuiu, as forças voltaram, ela pôde fazer longos passeios e retomar as ocupações inerentes ao seu sexo.

Ficava, entretanto, ainda sob influência magnética e era adormecida todos os sete dias. Mais tarde o sono magnético não a tomava senão todas as sete semanas. Aconteceu-lhe ficar durante longos intervalos em um estado meio sonambúlico. Ela saía mesmo no meio da neve e debaixo de chuva e dava-se melhor com o frio. Era extremamente sujeita às manifestações espirituais de todas as espécies: sonhos proféticos, predições, visões proféticas em copos ou espelhos que provavam a intensidade da sua vida anterior. Foi assim que viu num copo d'água, colocado diante dela, na mesa, uma pessoa que entraria no quarto meia hora mais tarde. Viu, do mesmo modo, uma carruagem que se dirigia para B., e que não se podia perceber do lugar em que ela estava. Descreveu a carruagem, disse o número de pessoas que ela continha, os cavalos, etc. e, hora e meia após, a equipagem chegava diante dela.

Em tal ocasião, pareceu gozar da segunda visão. Certa manhã, deixando a peça durante uma visita médica, viu, no vestibulo, um esquife que lhe barrava o caminho e que continha o corpo do seu avô paterno. Voltou para o quarto e pediu ao médico e aos seus pais para irem

(1) Pedimos ao leitor notar que tais coisas bem se assemelham a certos estados do médium, anteriores à incorporação de um espírito. (Nota de F. K. W.)

vê-lo, mas eles nada conseguiram, vêr e ela mesmo não o percebeu mais.

Na manhã do dia seguinte, o esquife, com o mesmo corpo dentro, estava ao lado de sua cama. Seis semanas mais tarde, seu avô morria, depois de ter gozado de uma saúde perfeita, até os últimos dias que precederam sua morte.

A faculdade de vêr espíritos, que a Sra. Hauffe possuía desde a infância, se desenvolvia cada vez mais. Os dois factos mais notáveis, sucedidos durante o período de que nos ocupamos, serão narrados na segunda parte d'êste trabalho.

(Continua).

## Decálogo do Espiritismo de Vivos

LEOPOLDO MACHADO

I) *Doutrinação de encarnados, pelo estudo da «Doutrina Espírita» e do «Evangelho do Cristo», afim de que, desencarnados, não precisem aparecer às sessões mediúnicas para serem doutrinados. A's vezes, depois de obsessões...*

O estudo gera a sabedoria e o conhecimento. Ambos engendram o amor fraterno, sem subserviências e servilismos.

«Amai-vos, eis vosso primeiro dever. Instrui-vos, eis o segundo», aconselha, grosando lições do Evangelho, uma voz autorizada do Além.

II) *Socialização do Espiritismo por força de movimentos confraternativos.*

Obra de pura sociabilidade cristã, em nome do Espiritismo, é tudo o que arrasta muito espírita do seu comodismo, do exclusivismo de seu centro ou de seu meio espírita, para fraternizar com seus irmãos através de movimentos constantes de aproximação, de visitas de confraternização, de semanas espíritas organizadas, de congressos, etc. etc.

«Que vos ameis uns aos outros; pois só assim provareis que sois meus discípulos», disse o Cristo.

E os Espíritos de Luz andam dizendo que os espíritas são os cristãos modernos.

Ora, todo movimento de aproximação implica incentivos para os espíritas se conhecerem melhor, para melhormente se amarem...

III) *Jornadas e excursões de propaganda, num «Ide e Pregai», à medida das possibilidades de cada um.*

Levar palavras de conforto e de té, com a nossa presença, a irmãos distantes,

vale por apreciável transfusão de energias e de vitalidade aos irmãos visitados.

IV) *Restauração da alegria cristã. Alegria de crer e de viver.*

«Paz e alegria», era a norma de tratamento entre os primitivos cristãos. Só por isso, a Doutrina Cristã e o Espiritismo não devem permitir ambientes de câmaras mortuárias.

Para eminente filósofo, entre os crimes que a Igreja de Roma cometeu, um dos maiores foi o de ter extirpado a alegria da Doutrina do Cristo».

V) *Amparar, por todos os meios, a criança.*

O amparo cristão conferido á criança, em nome do Espiritismo, além de preparar futuras gerações espíritas, é serviço prestado à Doutrina, à sociedade, à pátria, à humanidade, quer no presente, quer no futuro.

VI) *Atrair a juventude, transmitindo-lhe consciência religiosa, espírita.*

Cuidar, a sério, da formação de «Juventudes Espíritas organizadas», é cuidar de nossos substitutos, talvez com maior preparação cristã.

Não ha de ser a programas pesados e soturnos, a estudos e conferências massudas, a trabalhos mediúnicos, sómente, que se poderá interessar a infância e a juventude na Doutrina.

A arte, a literatura, a alegria cristã, as festas sem caracter profano são para tanto indispensáveis.

VII) *Propaganda pela arte.*

As letras e as belas artes, o teatro e

a alegria cristã a serviço da propaganda do Espiritismo, são de resultados magníficos. Mormente para interessar as crianças, os jovens, as mulheres, interessando, ainda, a espíritas e não espíritas, a gregos e a troianos.

VIII) *Obras de assistência a necessitados, de toda sorte.*

Distribuir recursos e confôrto material, ou moral é, certamente, trabalho mais proveitoso do que a distribuição de palavras e de orações, sómente.

Se é, de resto, o bem que salva, como assentua o Cristo na parábola do Bom Samaritano; se a lei é «fóra da caridade não há salvação», é claro que são as obras e não o rótulo religioso, as pregações e as práticas ritualísticas, que aproveitam para a salvação.

IX) *Libertar o Espiritismo do mediunismo exclusivista, sem expressão doutrinária e cristã que procura condicionar a êle, exclusivamente, as finalidades da Doutrina.*

A mediunidade bem dirigida é a maior fôrça do Espiritismo.

Mal orientada, a maior fonte de descreditos.

Nem o Espiritismo é mediunidade sómente.

E sempre que houver de nossa parte, abdicação do bom senso e do raciocínio, da razão e do livre-arbítrio, do senso crítico e do discernimento na aceitação de tudo que nos vem com o nome de comunicação de espíritos; sempre que nos esquecermos de que «é preferível recusar 99 comunicações verdadeiras a aceitar uma falsa», como aconselha o codificador; que «não devemos crer em todos os espíritos, mas sómente naqueles que vêm de Deus», na advertência de João, o evangelista, claro que estamos abastar-

dando a mediunidade e o próprio Espiritismo.

X) *Preparar os vivos para que não esperem dos mortos aquilo que podem realizar, nem os consultem sobre aquilo que cada um pode resolver com a inteligência que Deus lhe deu.*

Não será diminuir-nos e ofender a Divindade, o andarmos a consultar os mortos sobre tudo e a propósito de tudo?

Nós assim o cremos. Se Deus nos deu razão, inteligência, raciocínio e bom senso, foi para que os empregássemos «no exame livre de tudo para aceitarmos o que fôr bom», a conselho de Paulo.

Não cremos que haja um espírita cristão, consciente e esclarecido, que se oponha, com pureza de sentimentos e desejos de bem servir à Doutrina, ao que aí se contém.

Cremos, entretanto, que haja um ou outro que, bem intencionado discorde, cristãmente, serenamente, de um ou de outro ponto. Talvez, até, por não haver apanhado bem nosso pensamento.

Ao dispôr desses irmãos para outros esclarecimentos.

Não tomamos, que não temos tempo a perder, conhecimento de atitudes de *mestres em Israel*—e os *mestres em Israel* primavam por seu amor ao que encontraram feito, á tradição, oferecendo objeções; sempre infundadas e apaixonadas, a tudo que se lhes afigurava novidade — não tomamos conhecimento do que *mestres em Israel*, possam dizer ou escrever, talvez á procura de cartaz a nossa custa ou a custa do *Espiritismo de vivos*, sobre o assunto. Para tal gente, a nossa tolerância e as nossas preces. Preces de pecador, que não deixam, contudo, de ser preces...

*A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquêle que apenas haja observado a primeira se acha na posição de quem não conhece a Física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado no âmago da Ciência. A verdadeira doutrina espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que êsse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento.*

ALLAN KARDEC.

# Destruir a Lei...

— «Não julgueis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim a destruí-los, mas sim a dar-lhes cumprimento». (Mat. V-17/8).

Na passagem evangélica acima transcrita, Jesus afirmou categoricamente que não viéra destruir a lei; que antes a viéra cumprir.

E assim foi realmente.

Como é do conhecimento de todos, ha na lei de Moisés duas partes completamente distintas. Uma, a lei de Deus, recebida por êle no alto do Monte Sinái e a outra, ou seja a lei civil ou disciplinar por êle próprio decretada. A primeira é invariável, por sua natureza divina; a outra, modificável de acôrdo com o avançar dos tempos, era apropriada aos costumes e ao caracter do povo.

A lei de Deus, consubstanciada no Decálogo, realmente, Jesus, não a destruiu. Dera-lhe apenas mais amplitude, mais vida.

Objetarão os exegetas intransigentes a alteração havida no décimo mandamento. No entanto, a mutilação do último período dêsse capítulo, tinha a sua natural justificação, uma vez que sabemos da intransigência dos judeus, os quais consideravam no mesmo plano de igualdade a mulher, a casa, o servo, a serva, o boi, a vaca, o asno, etc.

E assim, Jesus, que não viéra falar aos homens da sua época, mas sim às gerações que se sucederiam, resolveu modificar, simplificando aquele capítulo, que assim ficou redigido: — «Não desejar a mulher do próximo».

O mesmo não aconteceu com a lei mosaica. Esta lei continha verdadeiras aberrações, às quais o Cristo não se submeteu, embora as advertências continuadas dos hebreus.

Assim, pois, segundo a lei de Moisés, Jesus foi acusado de haver cometido as transgressões que vamos enumerar.

— *Curou no dia de sábado* (Mat. XII — 10). O sábado era consagrado ao Senhor;

— *Hospedou-se com Zaqueu* (Luc. XIX — 5). Zaqueu era tido como homem pecador, porque tinha por missão arrecadar

as taxas públicas, cujo tributo os judeus não viam com bons olhos;

— *Pediu agua á Samaritana* (João IV — 7). Os samaritanos eram tidos como eréticos, pelos judeus, porque não comunhavam com as suas idéias;

— *Comeu sem lavar as mãos* (Luc. XI-38). Era preceito da lei mosaica lavar as mãos antes das refeições. Hoje é preceito de higiene. Respondendo Jesus ao fariseu que havia percebido a sua attitude, dêsse modo: — «Agora vós outros, limpais o que está por fóra do vaso e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e de maldade!»;

— *Perdoou a mulher adúltera* (João VIII). Moisés, na sua lei, mandava apedrejar toda mulher que fôsse apanhada em adultério. O Mestre, porém, que conhecia o íntimo dos acusadores, lhes diz: — «O que de vós outros esteja sem pecado, seja o primeiro que a apedreje». Nem um sequer apareceu para atirar a primeira pedra...

Podéramos multiplicar estas passagens, mas as que foram transcritas, são suficientes para a comprovação do que acima ficou dito.

Mas, o papel de Jesus não foi de um simples legislador moralista, unicamente apoiado na sua autorizada palavra. Competia-lhe o cumprimento das profecias, que previam o seu aparecimento à face do planeta. A sua autoridade advinha da natureza excepcional do seu Espírito e da divindade da sua missão.

Êle viéra dizer aos homens que a verdadeira vida não é a que se realiza na Terra, mas a que é vivida no reino dos céus; viéra, ainda, ensinar-lhes o verdadeiro caminho que a êsse reino conduz.

Todavia, não disse tudo. Limitou-se, com relação a certos pontos, a lançar o germen de verdades, que, na sua própria opinião, não podiam ser compreendidas. Daí ter falado em termos menos explícitos, mas também não esqueceu de dizer que o verdadeiro sentido das suas palavras, só mais tarde seria compreendido,

quando o espírito humano houvesse atingido a um certo grau de madureza, confirmando a sua promessa:— «A seu tempo eu vos enviarei o Espírito de Verdade, que vos explicará todas as cousas». (João, XIV-26).

Ao contrário, Moisés, viu-se obrigado a conter pelo temôr um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tivéra de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravatura no Egito. Moisés, teve, pois, de imprimir o caracter divino às suas leis, conforme era hábito dos legisladores dos povos primitivos.

Ele procurava com essa attitude apoiar a sua autoridade, na autoridade de Deus, mas na de um Deus terrível, afim de fundamente impressionar criaturas ignorantes, e cujo senso moral era pouco desenvolvido.

— «Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido, não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contém o germen da mais ampla moral cristã. Os comentários da Biblia, porém, lhes restringiram o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não na teria então compreendido. Mas, nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser como um frontispício brilhante, como farol destinado a clarear a estrada que a humanidade tinha de percorrer.» (EVANG. S/O ESP. Cap. I, n.º 9).

\* \* \*

Outras restrições foram feitas às pregaçãoes de Jesus pelo seu hábito de sempre falar por parábolas.

— «Eu tenho vos dito estas cousas debaixo de parábolas. Está chegado o tempo em que eu vos não hei de falar já por parábolas, mas abertamente vos falarei do Pai.» (João Cap. XVI, 25.)

Na geral acepção do termo, uma parábola é uma descrição, cujo fim é transmitir verdades indispensáveis de serem entendidas.

Durante o seu ministério, Jesus fez continuo emprêgo das parábolas, comparando os seus ensinamentos a ocorrências da vida comum, para um melhor esclarecimento. As alegorias das parábolas, contudo, encerram preciosos conceitos de moral. E assim, suggeria quadros e figu-

ras da vida corrente, empregando o método comparativo e visando a compreensão das cousas espirituais.

Muitos dos que as ouviram, em virtude do seu atraso mental, apegaram-se mais a *fôrma*, desprezando o *fundo*, daí terem elas ficado por tanto tempo, ocultas no seu simbolismo, agora revelado, graças a chave trazida pelo Espiritismo, com o auxílio da qual tudo se explica de modo facilimo.

Mas, isso só acontecia quando se fazia mistér a alegoria ou a figura para a materialização dos seus ensinamentos.

Por mais de uma vez, no entanto, êle falou claramente, quando, por exemplo, usou expressões como estas:

— «Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas; porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que parecem por fóra formosos aos homens, e por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a asquerosidade!» (Mat. XXIII 27).

Tendo encontrado o templo transformado em casa de comércio, admoestara êle severamente os vendilhões, a dizer-lhes:— «A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes feito covil de ladrões!» (Mat. XXI-12)

O Evangelista João, porém, vai mais longe, dizendo ter Jesus «feito de córdas um como azorrague, os lançando fóra do templo; assim também as ovelhas e os bois; arrojando por terra o dinheiro dos cambiadores e derribando as mesas...»

E ao próprio Simão Pedro, «sôbre cuja pedra êle edificaria a sua igreja, contra a qual não prevaleciam as portas do inferno», esse mesmo é repreendido severamente, pela sua fraqueza moral:— «Tira-te de diante de mim, Satanaz, que não tens gosto das coisas de Deus, mas sim dos homens!» (Marc. VIII-33).

Estas attitudes francas e decididas de Jesus, contudo, têm sido muitas vezes comentadas desfavoravelmente à sua acentuada bondade e humildade.

Êle, porém, ao mesmo tempo que perdoava, quando era preciso, também repreendia, não transigindo com o êrro.

Todavia, andam por aí alguns dos nossos irmãos a desapróvar o procedimento daqueles que, não concordando com as inovações dos últimos tempos, deturpadoras da singeleza e pureza doutrinárias, levam a sua independência de julgamento à reprovação dessas attitudes, e como justificativa alegam que o Codificador es-

tabelecera na sua legenda, como terceiro princípio, a *tolerância*: que o próprio Cristo, aconselhára o perdão setenta vezes sete.

Esquecem êsses irmãos que Jesus, ao mesmo tempo que oferecia *agua viva* á Samaritana e redimia a mulher adúltera; ao mesmo tempo que exaltava Zaqueu, expulsava os vendilhões do templo!...

Esquecem também que o Codificador, a êsse respeito, dissera: — «que o nosso melhor amigo é aquele que aponta os nossos êrros», porque os que só vêm as nossas virtudes, o fazem, muitas vezes, com o sentido preconcebido de envaidecer-nos.

E áqueles que conhecem mais as obras de André Luiz e pouco as de *Kardec*, aconselhariamos nova leitura dêsse pequeno trecho: — «Os que nos adversam, quando bem compreendidos e recebidos cristamente, constituem precioso auxílio em nossa jornada para a União Divina». (OBR. DA VIDA ETERNA — pag. 46).

Alegariam, possivelmente, que Jesus por mais de uma vez aconselhou a tolerância para com todos, especialmente os ignorantes, mandando perdoar sempre, dizendo mais que *os sãos não precisavam de médico* e chegando mesmo a preconizar o amor aos próprios inimigos!...

Todavia, considerou Jesus que a tolerância excessiva, era conivência, e que tolerar o êrro era compactuar com êle, ou seja, réu do mesmo crime.

A tolerância excessiva é condenada por todas as regras de direito que a lei consagra. Compactuar com o crime é cometer o mesmo crime. O próprio regulamento disciplinar das classes armadas, em obediência áquele princípio, faz constar dos seus textos o seguinte: — «todo aquele que tiver conhecimento de qualquer irregularidade contrária á ordem e á disciplina, e deixar de levar a mesma ao conhecimento dos seus superiores imediatos, estará sujeito á pena».

Poderiam argumentar, alhures, que tal princípio cheira muito de perto a um preceito *gustapiano*. Até certo ponto pôde ser verdade. Mas, é preciso não esquecer que á disciplina só consegue subsistir, graças a força dessa providência.

Ademais, Jesus dissera, que *só a Verdade nos faria livres!*

Assim, as atitudes dúbias não têm cabimento no serviço do Mestre.

\* \* \*

Enquanto não compreendermos, como afirmou H. Campos, que «na Terra, o preço do amor e da Verdade ha de ser sempre o martírio e a morte (BOA NOVA — pag. 27), muito teremos ainda que trabalhar no sentido de ser erigido um sagrado altar à Verdade, mas no íntimo do coração!

Do contrário, continuaremos outros tantos Pilatos, sem poder compreendê-la.

Ao ouvir Jesus dizer ter vindo ao mundo para dar testemunho da Verdade, Pilatos interrogou assim ao Mestre: — «Que coisa é a Verdade?»

E o Mestre, sublime na sua humildade grandiosa, pode penetrar bem fundamentalmente a alma do preposto romano, onde só viu rudeza, ignorância e brutalidade, responde com o silêncio, dominando superiormente a situação, a ponto de subjugar o seu interlocutor, o qual declara, por fim, numa atitude demonstrativa da pusilanimidade do seu caracter: — «Eu não acho nêle crime algum!...»

E' bem verdade que na Terra ninguém, sinceramente, se convence de uma Verdade, unicamente pela força das palavras do Mundo (Ob. Cit. pag. 46).

Mas, preciso é não esquecer que «toda criatura tem um santuário no próprio espírito, onde a sabedoria e o amor de Deus, se manifestam, através das vozes da consciência» (Ob. Cit. pag. 111).

E como a nossa liberdade só poderá ser alcançada pela conquista da Verdade, façamos, pois, a todo instante um esforço maior para conseguí-la, na Terra, embora, relativamente. Só assim seremos livres.

Urge, portanto, o quanto antes, o estabelecimento do Culto à Verdade em todas as nossas tarefas e realizações, do contrário, o nosso caminhar será sempre perturbado por obstáculos e dissabores sem conta. Não queiramos, para nós, a pecha de «falsos profetas», de que nos fala Jesus.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Janeiro de 1947.

# Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

## CAPÍTULO VIII

### *Espíritos e vícios*

O hábito de tomar drogas exerce implacável domínio sobre as suas incautas vítimas e a força dos narcóticos segue tirânica ainda além do sepulcro. Tal desejo se acha arraigado na própria alma e impossível é descrever as angústias dos espíritos chumbados à Terra em suas ânsias vãs por satisfazerem sua atração pelos estupefacientes.

A's vezes obtêm tais espíritos satisfação parcial ao utilizar-se de mortais sensíveis à influência do álcool, obrigando-os a entregar-se ao uso de alguma droga. Certos espíritos que, afetados pela mania dos narcóticos, vieram ao nosso círculo, deram, com grande insistência, conselhos referentes ao vício que os dominaram quando vivos.

«Minnie Morgan» voltou ao fim de vinte e cinco anos de sua primeira manifestação entre nós e falou da situação que reinava na esfera terrestre. Foi ela uma criatura grandemente dada ao uso de estupefacientes.

Sessão de 26 de Julho de 1922

Espírito: Minnie Morgan \*

Médium: Sra. Wickland

Sinto-me identificado convosco, pois fostes vós que me ajudastes a compreender o verdadeiro sentido da vida.

No mundo dos espíritos nós nos conhecemos uns aos outros tais como somos, não como na Terra, onde escondemos toda a sorte de pensamentos.

Andais errantes como gado selvagem no campo de batalha do egoísmo e da inveja. Bem poucos são os que têm conhecimento do amor. Ignorais realmente o que seja o amor, porque Deus é amor e Ele reside no amor. A maior parte da gente crê unicamente que há no

firmamento algum lugar para onde vai ao morrer. Quando aí vivia, e sempre que podia pensar um pouco, me dizia que era melhor gozar a vida e, no último momento, no limiar da morte, lançar os meus pecados sobre Jesus e ficar branca como a neve. Com tal pensamento, continuava a viver. Falava-me assim: «Porque não gozar como os demais? O futuro trará a solução de seus problemas.»

Com tais pensamentos se entregam muitas pessoas a uma vida desordenada, pensando que haverá quem reze por elas e que entrarão assim na glória dos céus.

Vivia uma vida agitada, que eu classifiquei de brilhante, porém chegou o momento das adversidades e das dores. Vivi uma existência mundana muito intensa. Ia, de quando em quando, à igreja para estar segura de que haveria quem cuidasse da minha alma. Dei dinheiro à igreja para estar bem com ela e logo voltava a entregar-me aos prazeres do mundo.

Tudo andou bem algum tempo. Cada vez que triunfava no mundo, sofria eu física e mentalmente. Tentei afugentar esse sofrimento, afim de continuar triunfando. Caí à beira do caminho; ao cabo de certo tempo meu corpo físico estava quebrantado e para mim só houve doença e dor.

Não aceiteis de ninguém a menor quantidade de morfina. Uma vez que enveredais por tal caminho, estareis perdidos. Não é que a alma se perca definitivamente, mas ficareis escravos da droga. Vivereis em constante agonia. Não há sofrimento comparável à ânsia da morfina e não poder obtê-la. Parece como se fôsse rebentar todas as fibras do vosso sistema nervoso. O não poder obter essa droga me punha quasi louca. Nada me importava. Por uma dose de morfina havia eu vendido a minha alma. Perdi o respeito próprio, perdi tudo; não pensava mais que na morfina.

Quando me apercebi disso, já não podia resistir. Só queria que me dessem mais um pouco de morfina, nada mais. (Ao dizer isto parecia que o espírito vol-

\* Vide cap. II, espírito: Minnie Morgan

via a passar por todas as angústias que sofrera na Terra. Parecia também como se falasse para numeroso auditório de espíritos chumbados à Terra, ao mesmo tempo que para o círculo dos investigadores presentes).

Minha morte foi horrível. Meu corpo se achava desfeito, completamente gasto. Logo me operaram (autópsia), porém eu vivia ainda e queria voltar ao corpo. Continuaram operando-me e eu vi que me estavam fazendo em pedaços (dissecção). Lutei e gritei, porque queria continuar a possuir aquêlê corpo para satisfazer as ânsias que me dominavam. Eu era uma châma viva.

Continuaram a picar todos os meus nervos, puseram a descoberto o meu coração, depois meu ombro e chegaram às pernas, picando, picando sempre. Sentime acometida de um desespero tal que comecei a lutar com todas as minhas forças e conseguí assustá-los, conseguindo que deixassem em paz o meu corpo. Nunca mais voltaram a tocá-lo. Eram cinco ou seis homens armados de bisturís e todos queriam cortar um pouco.

Veio, porém, outro, que me examinou e começou a cortar, a cortar sempre, e isso me pôs louca. Pensei que poderia dominá-lo, mas não me deu atenção. Procurei espantá-lo como espantei os outros, mas êle não fez caso. E não se afastava uma polegada do meu corpo. Segui-o pensando em não deixá-lo em paz, porém logo me senti bem (incorporouse na médium). Grande foi a minha surpresa quando me falou êste senhor (o Dr. Wickland) e me convenceu de que eu morrêra. Não me havia apercebido de que perdêra meu corpo, porque, na realidade, não morrerá.

(Dirigindo-se ao Dr. W.) Agora venho agradecer-vos, porque me fizestes compreender a existência de uma vida real, além da morte. Então compreendi que não podia lançar os meus pecados sobre o Cristo.

Foi nosso Mestre, porém devemos viver a nossa vida tal como êle nos ensinou que vivêssemos, e não podemos pensar em lançar sobre êle os nossos pecados e as nossas atribulações. Esta doutrina é falsa. O Cristo é a Vida, a Luz e o Caminho. Ele mesmo nos disse: «Eu sou a Luz do Mundo; aquele que me seguir não caminhará em trevas».

Muitos outros ensinaram antes tal

doutrina. Pude ver que existiram no passado outros muitos mestres como o Cristo. Confucio foi um deles. Seus ensinamentos são idênticos aos do Cristo.

Eu não teria o lar que tenho no mundo espiritual se não tivesse sido afligida e alcançasse uma compreensão da vida real. Fui uma grande pecadora; já vos falei de minha atração pela morfina. Quando o meu espírito se separou do corpo, continuei com ela. A faculdade de desejar é privativa da alma, não do corpo. O corpo é uma espécie de manto ou vestido com que se cobre a alma. Todos os desejos vitais, todas as faculdades que pertencem à alma nos acompanham ao sepulcro e vão além. Que seria de mim se não houvesse aprendido a maneira de dominar meus desejos? Teria sido um espírito apegado à Terra e teria acabado por entrar na aura magnética de algum sensitivo, convertendo-o em vítima da morfina, afim de ver satisfeitos os meus desejos, ainda que arruinasse a vida daquelle. Teria permanecido na esfera terrena muitíssimos anos, arruinando, uma após outra, muitas vidas.

Separai o que pertence à alma e o que pertence ao corpo. Se isso fizermos, não teremos tantas dores e crimes, nem tantas doenças. Teremos o Amor e o Céu na Terra, porque teremos piedade de todos os infelizes.

Minha vida terrena transcorreu nas baixas camadas do mundo e por isso falo com conhecimento de causa. Crêm algumas pessoas que lhes basta aprender a lição da verdade para penetrar na glória dos céus, porém o céu é uma condição de nós mesmos. Tive que vencer pouco a pouco os meus desejos de morfina para que pudesse exclamar: Para mim já não existe a morfina.

Quando cheguei a tal ponto, vieram ao meu encontro amigos e parentes e me disseram: «Agora estás preparada para vir conosco para o lar que te destinamos». Desde então tive que me adiantar por meus próprios esforços. Não estava num calabouço escuro, como acontece a muitos, porém ao meu redor não via senão a mim mesma. Diz o Grande Livro que o Cristo desceu às esferas inferiores para ajudar e ensinar. Todos nós devemos ensinar e auxiliar os decaídos, dando-lhes força para vencer os seus vícios. De todos êstes, o pior é a avareza. O

avarento sacrifica tudo pelo dinheiro. E' capaz de não comer para não gastar e de deixar morrer a sua alma para não se afastar do seu dinheiro. E para que mais serve êle então? Enquanto o espírito do avarento fica na Terra, permanece em trevas e vê como os outros gastam o seu dinheiro. Tal lhe faz sofrer horrivelmente. Vê como o repartem os seus parentes; parte do seu dinheiro vai parar nas mãos de um e outro. Se o dinheiro ficasse no mesmo lugar, poderia o espírito do avarento entreter-se a contá-lo e isso lhe causaria satisfação, mas os seus parentes o querem para gastá-lo. Representai agora a situação do seu espírito; êsse dinheiro era o seu tesouro, cada centavo que se gasta é como um pedacinho de carne que se corta do seu corpo, porque nele pôs toda a sua vida e a sua alma e

o vêr gastá-lo equivale a todas as penas do inferno.

E não há meio de ajudá-lo até que compreenda que não precisa mais de dinheiro, só então resurge a sua alma, ou seja, o melhor de sua natureza, e podemos então auxiliá-lo, entregando-o à direção de um guia e mestre, que lhe fará compreender que o dinheiro pertence à vida terrena, não à vida do espírito. Então tem o espírito do avarento que dedicar-se à prática do bem. O avarento nunca junta dinheiro honradamente. Talvez não seja um ladrão, mas empresta o seu dinheiro com usura. Tem que resgatar com boas obras cada má ação, centavo por centavo. Tem que mostrar-se bondoso, ajudando os pobres em seus trabalhos.

(Continua).

## Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

X

*«A humanidade deve concentrar hoje a sua atenção sôbre si própria e sôbre as causas de sua incapacidade moral e intelectual», eis um bom e oportuno conselho de Alexis Carrel.*

A sugestão é uma fôrça. As úlceras pélicas são de origem auto-sugestiva. E' uma fôrça que tanto pôde ser empregada para o bem, como para o mal. Os charlatães e curandeiros conseguem prestígio através da sugestão. E quantos médicos não procuram imitar os charlatães...

Todos nós somos mais ou menos suggestionáveis. As liquidações das casas comerciais, os preços abaixo do custo, os descontos de Cr. \$ 6,80 por Cr. \$ 4,50, estão a atestar a credulidade popular.

Van Loon em Hist. da Bíblia, pag. 347, falando de Jesus, diz: «Desde os começos do tempo sempre houve criaturas capazes de exercer grande influência sôbre as vítimas de certas enfermidades. Essas criaturas não soldam óssos quebrados, nem detêm o curso duma epidemia. Mas, como toda a gente de hoje sabe, a imaginação inflúe muito nas doenças. Se penso que tenho uma dôr, acabo sentindo essa dôr. E se alguém me

convence de que não estou sentindo dôr, deixo de sentir dôr. Êste dom de sugestão aparece com frequência entre pessoas simples e bondosas, que ganham a confiança dos pacientes e podem curá-los sem recurso a remédios. Jesus, que tanta confiança e fé inspirava pela absoluta honestidade de sua pessoa e gentil simplicidade de seu caracter, era desses homens que podem socorrer aos que se lhe apegam nos momentos de aflição».

Gordon Garbedian em «O romance da ciência», diz: «Os psicólogos observam que a maioria das curas milagrosas de Cristo foram feitas em pessoas tipicamente histéricas, homens e mulheres cujos males físicos se originavam de perturbações neurológicas e psicológicas. Como tão amplamente atestam os jornais, todos os dias, as angústias morais se tornam frequentemente tão formidáveis que levam homens e mulheres a abandonar, pelo suicídio, o tesouro inestimável da vida».

Tudo depende pois, da credulidade, da confiança ilimitada, da bôa fé, da sugestibilidade do recipiente, para que haja cura e moléstia originárias de uma comoção moral. Antonio Conselheiro e o padre Cicero são exemplos do que pôde fazer a sugestão sôbre a imaginação do povo.

Andréa Majocchi dedica todo um capítulo de seu livro «Memórias de um cirurgião», pags. 219 a 242 à história de um milagre... que não se realizou. Conta-nos êle que partiu de Roma, como médico de uma grande romaria a Lourdes, romaria composta de uma verdadeira multidão de doentes das mais diversas enfermidades; cegos, paralíticos, cirróticos, tuberculósos, hidrôpicos, cancerózos, neuropatas, etc. A caravana era chefiada pelo arcebispo de Gênova. Uns tão mal que iam em padiólas e carrinhos. E o «bom sacerdote, diz Majocchi, diretor da peregrinação, ia aconselhando os fiéis a que não esperassem muitos milagres. E' verdade, continua Majocchi, que no ano precedente foram registradas curas prodiogiosas, mas o que importa é apresentar-se à Virgem com a alma confiante, com uma fé absoluta. E' preciso crêr e não duvidar. Em todo o caso a Virgem daria o suave bálsamo do conforto e da resignação...»

E depois de vários dias de viagem exaustiva, ei-los que chegam a Lourdes. Na estação a confusão era enorme, diz o próprio Majocchi: «A estação parecia formigar de fiéis, de padres, de religiosas, de enêrmos, de carrinhos e padiolas. Gritos, súplicas, lamentações confundiam-se com o apitar das locomotivas».

Depois de vários dias de peregrinação, de procissões, missas e comunhões, o dr. Majocchi nos descreve a volta e os exames dos doentes, que é a parte que nos interessa: «Passei revista nos doentes e aleijados: estavam nas mesmas condições que antes; nenhuma cura, nenhuma melhora. Todos resignados e o desejo de voltarem no próximo ano». E é a essa resignação, depois de «sacri-

fícios enormes, tendo sofrido dôres indiscutíveis, suportando em condições desastrosas as duras fadigas da viagem, sem obter nenhuma melhora em seu estado», é que o dr. Majocchi qualifica de milagre!!!

Voltemos ao nosso assunto das doenças mentais. Falamos na sugestão porque ela é uma força capaz de curar as doenças mentais ou de origem nervosa e de as provocar.

Que as provoca temos a confirmar o caso das úlceras pétticas. «Sabe-se que muitas doenças do estômago e do coração começam por perturbações nervosas», diz Alexis Carrel, o qual afirma também que «as colítes e as infecções dos rins e da bexiga que os acompanham são o resultado remoto de desequilíbrios mentais e morais».

Almir de Andrade em um apêndice no VIII volume de «A ciência da vida» de Welles e Huxley, diz: «Ha duas formas de dispepsia: a dispepsia hipertênica, em que ha hiperatividade das funções motoras, sensitivas e secretoras do estômago, traduzindo-se por dôres vivas após a comida; e a dispepsia astênica, em que ha hipoatividade, atomia gastro-intestinal, depressão, perda de apetite, emagrecimento e inaptidão para o trabalho, etc. Ambas as formas podem ser causadas por disturbios mentais» (pag. 188, ap. 81).

Em páginas anteriores, êsse illustre professor de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, apêndice 54, pag. 143, referindo-se a ação mental sobre os órgãos, diz: «E êsses fenômenos têm de comum o facto de exprimirem a poderosa ação dos pensamentos não só sôbre a vida mental, como também sôbre a vida corpórea do indivíduo. Assim como a psicoterapia obtém até a cura de moléstias orgânicas por meios psíquicos, o hipnotismo e a mediunidade alteram profundamente todo o comportamento, também sob a ação de factôres puramente mentais.»

---

*Não podemos crescer no conhecimento e na graça de Jesus, sinão praticando a Caridade, como êle ensinou. — ANTENOR RAMOS.*

# ☉ Fenômenos de Materialização ☉

IV

No dia 6 p. passado, sexta-feira, no Grupo Espírita «André Luiz» com a presença de treze pessoas, realizou-se uma sessão extraordinária de tratamento espiritual de enfermos, principalmente em benefício das nossas companheiras Eurídice Ferreira e Lais Teixeira Dias, dada a urgência que os seus males requeriam, de cuja gravidade fomos avisados pelos nossos protetores do Espaço, numa reunião de diretoria provisória através do médium Luiz, no dia da véspera. Tive o cuidado de pesar o médium e os demais assistentes antes do começo da reunião, sendo que ao término eu havia perdido 1 quilo, a minha esposa também 1 quilo, o Jaks 2 quilos, a Lais 1/2 quilo e o Peixoto 2 quilos. Os demais assistentes conservaram o seu peso normal. Os trabalhos foram dirigidos pelo confrade Antonio Alves Ferreira. Uma das doentes, nossa irmã Eurídice, não estava presente, pois se achava presa ao leito, dado o estado gravíssimo em que se encontrava. Todo seu corpo estava dolorido, no qual se não podia tocar, sendo o seu mal de origem hepático-renal, além de uma acentuada perturbação dos órgãos genitais, imobilizando a enferma e submetendo-a a uma ameaça de paralisia. A nossa irmã Lais, portadora de uma infecção bucal, encontrava-se com a sua saúde bastante abalada, porém ainda conseguiu vir receber os benefícios da reunião, pessoalmente. Enquanto os trabalhos se iam desenvolvendo, como passarei a narrar, um espírito se materializou na residência de D. Eurídice, assistindo a nossa irmã e aplicando-lhe passes locais. O médium vidente, presente à reunião, descrevera a presença de um espírito, no quarto da enferma, ministrando-lhe passes, mas não nos adiantou se o espírito estava ou não materializado. A paciente, entretanto, dera conta da presença da entidade, tomando-a pela do esposo, que julgou tivesse regressado da sessão, já que o espírito se apresentava com a apa-

rência do companheiro. Os nossos amigos David e Araci, por médiuns diferentes, nos explicaram o fenômeno, o qual se dera porque a paciente também possui faculdades mediúnicas de efeitos físicos e de materialização, com a contribuição, aliás, do ectoplasma do médium que trabalhava, naquele instante, no «André Luiz». E o que é facto é que os resultados foram os mais práticos e positivos possíveis, ficando a nossa irmã, ao cabo da reunião, quasi que completamente restabelecida, recebendo o nosso amigo Ferreira, seu marido, de pé, à porta da entrada da casa, ao regressar. E a sua cura radical como teremos conhecimento, veio a concretizar-se com a realização de outras reuniões, as quais se verificaram depois, no mesmo local do costume. Mas vamos ao relato da reunião. Feita a prece inicial e lido o capítulo denominado «Em serviço», do livro o «Nosso Lar», pelo presidente, depois de cantado um hino passou-se a alguns instantes de concentração para atrair a presença de um dos guias espirituais do Grupo, afim de nos ser orientado acerca dos trabalhos que se processaram, ficando o comentário da lição para a segunda parte da reunião, dado o adiantado da hora e a urgência do caso que requeria pronta intervenção astral. O bondoso espírito de Araci dá-nos, pela mediunidade de incorporação de um dos médiuns presentes, os mais dóceis e salutareos conselhos, orientando-nos a propósito do nosso comportamento em face da importância e da gravidade da reunião. Daí se passou à segunda parte com o recolhimento do médium na cabine e com a modificação na disposição dos lugares. Ouve-se um novo hino, em canto coral. O Ferreira incumbeme de fazer, agora, o comentário da lição, tendo eu me desobrigado como pude, do honroso cometimento. Logo se ouve, no espaço, a voz conhecida do abnegado José Grosso, que nos deleita com os seus gracejos construtivos de per-

meio de garra

sa narapra a edma b atroz zarcob  
 suas obunq comarolpm c  
 ninarinas e if ma samassag eul  
 qualub allqanero net rãliel

obrlrto3

amudi abamo etreore (ab  
 ane ab comarose oo ont  
 untrecl atnos aut eul  
 arntreb orzar e etrafno)

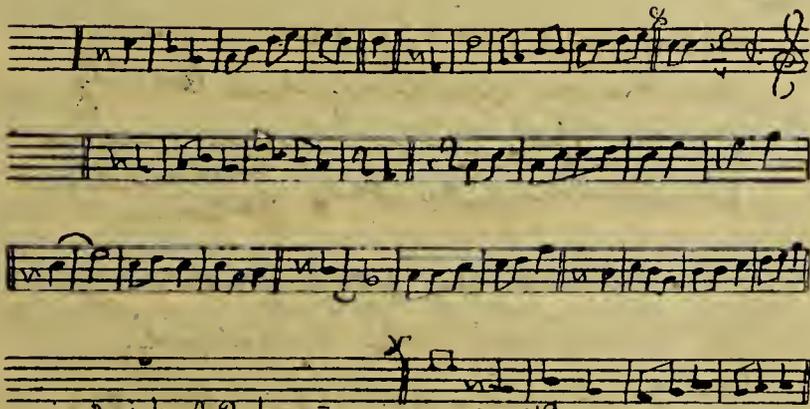
coratlas atrepre polzan co eul  
 ebabunivrafo e metioranqo  
 203 netnere re a samarhres eul  
 ebabunief ab atrepre na or

atnreb co rama samozsoq eul  
 auzga e rãb ab nãel mes are  
 netnere co abol ab samiatnareal  
 orpela chubra ma rama ma

arrit an abro accan aiaz ajes  
 aopomunul ob e arllndat da  
 aruzp any oragery ovicta mã  
 aqrefo gms e e rãlin co artna  
 orparqa o ma alimr atrefo  
 uara ob

Obreiros

meio de garra



meio de garra  
 meio de garra

Letra e música do hino «Obreiros de Jesus», dadas pelo espírito de Scheilla, por escrita direta, no Grupo Espírita «André Luiz», Rio de Janeiro.

(Vêr número anterior).



meio com alguns conceitos de genuína filosofia e de alcance profundamente moral. O espírito de David (meu pai) aparece-nos logo, materializado, voltando em seguida à cabine depois de deixar-nos uma flôr de parafina no côlo da minha sobrinha Dulce. Materializa-se agora o espírito de Nina Arneira, que vem à assistência e assiste à nossa irmã Lais, ministrando-lhe passes. Voltando à cabine, aparece-nos, então, o venerando espírito de Adolfo Bezerra de Menezes, vindo à assistência e tocando, também, a nossa companheira de trabalhos Lais. O José fala-nos novamente, por voz direta, tendo para com a entidade recém materializada palavras de ternura e respeito. Ao lhe perguntar se David voltaria à assistência para nos alegrar com a sua presença, respondeu-me que o querido espírito estava em trabalho no tratamento dos doentes. Nina volta, materializada, entregando uma flôr, modelada em parafina, à Lais e dizendo-lhe, de viva voz, que desculpasse por ter que lhe presentear com uma flôr murcha, o que se não daria se ali houvesse uma vasilha com água fria. Depois de desaparecer a bondosa entidade, o José retoma a palavra para dizer que havia feito uma flôr, que oferecia à Dulce, pois que a deixara na vasilha de água, no cômodo contíguo à cabine. Para os assistentes êle ofereceu seis (6) pedras, de várias dimensões, que foram jogadas junto aos nossos pés. A essa altura da sessão, pedi que se cantasse «Almas Gêmeas», aparecendo para logo, dois vultos de moça, semi-materializadas, sendo logo identificados pelos espíritos amigos de Neuza Magaldi e Ilka Eloi dos Santos. Depois destas aparições, fizeram-se explosões de luz de

diferentes matizes, provocadas pelos espíritos amigos de Abel, Batura, e Nina. E então uma voz me convida a ir à cabine. Lá chegando, o querido espírito de Abel Gomes, trajando vestes comuns, sem a costumeira túnica alva, tocou-me nas mãos com uma luva de parafina ainda quente, quasi me queimando, para provar-me a autenticidade do fenômeno. Feito isto, disse que podia retirar-me. Feita uma prece, o José ainda nos fala em voz direta, anunciando que nos tinha deixado uns versos dedicados aos companheiros do Grupo. Araci fala nos, por sua vez, anunciando que deveríamos encerrar os trabalhos, quando ainda aparece uma luz vermelha na cabine.

O Ferreira faz a prece final e vai à cabine para acordar o médium, aplicando-lhe passes. Como o médium custasse a acordar o Ferreira chama-me para reforçar a corrente, e o nosso irmão desperta, lamentando ter que acordar naquela hora, dado o bem estar que o seu espírito sentia naquela situação, como prova de que o ambiente estava favorável. Fomos então recolher a luva e a mensagem escrita que abaixo transcrevemos. Processou-se à repesagem, verificando-se que o médium perdera dois quilos de pêso, eu perdera um quilo, minha mulher um quilo e o Jaks dois quilos.

Mensagem mediúnica, de José Grosso, dada por escrita direta, no Grupo Espírita «André Luiz», sendo que as folhas estavam autografadas com as rubricas do presidente e do vice-presidente da sessão:

«Amadeu *vêio* de guerra  
Eu inda tenho esperança  
Que o nosso «André Luiz»  
Ha de instruir as *criança*...

*Alto*  
*André Luiz*

Amadeu *vêio* de guerra  
Eu ainda tenho esperança  
Que o nosso André Luiz  
Ha de instruir as *criança*

pra continua de Cristo  
pra fazer a caridade  
pra se amarem nos assuntos  
com toda fraternidade

Então vários fizesem juras  
A luz do cristianismo  
vendo pra evangelho.  
publique do espiritismo

Caracul, jato e soncubre  
Luzino Jacoio e recente  
Vocês vão viver pra mestre  
viva lutando a semente.

*Alto*  
*André Luiz*

Nossas invocações  
sejam conduzir a Cruz  
Com fé com amor com  
trabalhando pra *seu* Jesus

Recitar do José Grosso  
um abraço de Verdade  
A eu fizesse a vocês protejan  
Vera. toda eternidade

Jose

Mensagem mediúnica do Espírito de José Grosso, dada por escrita direta, no Grupo Espírita «André Luiz».



Para a Doutrina do Cristo,  
P'ra fazer a caridade,  
P'ra se amarem uns aos outros  
Com toda a fraternidade.

Então *vancês* fazem jús  
A' Luz do Cristianismo,  
Vivendo p'ro Evangelho  
Sublime do Espiritismo.

Ferreira, Jaks, Gonçalves,  
Levino, Inacio e Vicente,  
*vacês* vão viver p'ro Mestre  
Frutificando a semente.

Nossas irmãs *legionária*  
Saibaí conduzir a Cruz,  
Com fé, com amor e renúncia,  
Trabalhando p'ra Jesus.

Recebam do José Grosso  
Um abraço de verdade,  
Que Araci a vocês proteja  
Para toda a eternidade.

*José».*

Rio, 12/12/946.

*Amadeu Santos.*

## ! Livros e Autores !

CRÔNICAS ESPÍRITAS — F. Klörs  
Werneck, Rio.

Recebemos da «Empreza Editora O CLARIM» o volume em análise, que lemos com crescente agrado e de uma assentada, pois somos admirador dos estudos exegeticos e analíticos do autor. O volume é aberto com um mau soneto dedicado ao autor. Versos sem arte e sem poesia.

CRÔNICAS ESPÍRITAS, que tem por subtítulo «*Os tempos são chegados*», é volume de 160 páginas, 22 estudos substanciosos e oportunos, a despeito de pouco extensos, de verdadeiras crônicas. Êste, pois, seu maior pecado. Impossível selecionar êste ou aquele capítulo, pois são todos superiormente escolhidos. Leitura aconselhável a todo o espirita culta e de gosto, pois são estudos superiormente escolhidos, páginas leves, temas oportunos, que ensinam bastante, que dariam para encher, se fossem esticados, volumes e mais volumes.

Capítulos dos mais proveitosos, os que tratam dos fenômenos psíquicos na Bíblia, da advinhação no Velho Testamento, dos fenômenos espíritas na Igreja e da *xenoglossia*, a par dos estudos em torno do célebre Houdini, cujo nome e prestidigitação vão servindo, ingloriamente, para desavisados adversários do Espiritismo se alevantarem contra nós e das páginas sobre os fenômenos espíritas no Japão, na Africa, na America, entre selvagens.

O autor tem, entre nós, incontestavelmente, um lugar de destaque, muito seu: ninguém está mais em dia sobre o que vai lá por fóra, no campo da fenomenologia espírita, ou da metapsíquica. E' pena — e já o disseramos, ha anos, analisando um de seus opusculos — que Klörs Werneck nos dê suas traduções excelentes e seus trabalhos de observação em doses minúsculas, em literatura homeopática, embora substanciosa. «Crônicas Espíritas» talvez inicie uma série de volumes menos exíguos nas páginas...

\*\*\*

REINCARNAÇÃO — Aurelio A. Valente, Rio.

Aqui está um grande livro, que foi nosso companheiro de viagem, de volta de Mato Grosso, pela «Nordeste do Brasil». E que admiravel companheiro de viagem tivemos!

A reencarnação é o tema por excelência para quem prega e escreve dentro da Doutrina Espírita. Duvidamos haja um espírita que, pregando ou escrevendo, não o tenha abordado. Duvidamos também haja alguém que, adversando o Espiritismo, ou procurando ridicularizá-lo, não se tenha atirado à reencarnação. Tema por excelência, dizemos, por isso mesmo...

Tem-se a impressão de que, depois dos estudos, sem falar no Kardec, de Delane e Denis, Geley, Bezerra de Menezes e tantos outros, ninguém dirá coisa que valha uma leitura atenta e compensado-

ra. Puro engano, verificará quem ler o livro de Aurelio Valente. O livro registra factos novos, observações próprias, estudos diferentes. E fá-lo naturalmente, correntemente, bem senhor da matéria, sabendo bem o que escreve. Um dos capítulos mais importantes da obra, tanto do Samuel Smiles como seu, é o V, *Hereditariedade em Face da Reincarnação*. A parte que coube ao moralista inglês, aliás, a citação de todo o seu capítulo, que bem o conhecíamos, admirador que somos de Smiles, de quem possuímos toda a obra, não é superior ás conclusões e observações de Aurelio Valente.

Aurelio Valente escreve bem. Seu estilo é claro, corrente, simples e conciso. E o autor só escreve quando tem o que escrever. Não é um esquivinhador, como tantos que andam, ingloriamente, a cata de assuntos e a repisar assuntos que ninguém abordará melhor do que os grandes pioneiros do Espiritismo abordaram. E' um escritor de facto. E dos poucos, substanciosos e claros, de que dispomos.

O livro é editado pela *Editora Moderna*, do Rio.

Mais uma casa editora para obras espíritas, será?

Somos grato ao autor pelo volume que nos coube com honrosa dedicatória, aliás.

\*\*\*

ZARABATAMA REDIVIVA — Olivio Novais, Rio.

Trata-se de um opúsculo de 37 páginas, que se lê de um fôlego, editado pela *Casa Espírita Irmã Zarabatana*, do Rio, a benefício da instalação de uma instituição de âmparo à infância.

E' a história interessante do patrono do Centro Espírita e análise, na sua última reincarnação, às margens do Amazonas, entre os índios *barés*. História que se lê — valha a verdade — com agrado, num crescente interêsse. E que, além da atração natural do episódio, a linguagem do autor é lírica, suave. Além do mais, a aquisição do opúsculo colima auxílios á construção do futuro *Abrigo de órfão Irmã Zarabatana*.

Considerando-se que amparar e educar crianças em nome do Espiritismo é a melhor propaganda e o maior serviço prestado à Doutrina Espírita...

Gratissimo ao volume e á dedicatória que nos couberam.

O CAVALO NA HISTÓRIA — Tte. Julio Costa, Campo Grande, M. Grosso.

Em Campo Grande, fomos visitar a Remonta, ponto de conserva de animais de raça, do exército nacional, sob o comando do Tte. Julio Costa.

Ao saber que estávamos por aquelas zonas a pregar Espiritismo, foi-nos dizendo, sem cerimônia nenhuma, que levou muitos meses exercitando-se na mediunidade sem resultado algum. E que tem estudado o Espiritismo, atualmente, para combatê-lo. Talvez por não ter, como *médium*, recebido comunicação alguma... O interessante, porém, é que tudo quanto o tenente apresentou contra o Espiritismo, ele não viu em obra espírita nenhuma. Pura concepção própria, de quem ouviu, de oitiva, apenas, falar em espiritismo.

Sempre a conversarmos amigavelmente, percorremos todo o sítio da Remonta: as báias, os departamentos todos, o pomar, as plantações. No seu gabinete, ofereceu-nos um exemplar de seu volume em versos, O CAVALO NA HISTÓRIA. Trata-se de uma revelação de carinho, poética, do autor para com êste grande amigo e auxiliar do homem. Para com êste «nosso irmão menor», como diria Francisco de Assis: Menor na racionalidade, que não no porte e na fôrça, é bem de ver. Fomos ao volume, que é uma espécie de poema em decassílabos, estrofes de dez versos, com que o autor faz a história do generoso paquiderme através de épocas e de raças, a descobrir-lhe sómente virtudes. Nem todas as suas estrofes e versos primam pela correção da forma, se ajustam à arte poética. Menos certo não é que são versos que se lêem com satisfação, sem enfado.

\*\*\*

O VALOR DA PRECE — Carlos Ingles de Souza.

O volume não é novo. Data de 1944. Foi, porém, novidade para nós, que só o conhecemos, quando seu ilustre autor nos ofertou um exemplar na *Livraria Allan Kardec*, em S. Paulo.

E' volume de cem páginas, muito bem impresso e melhormente encadernado, de pequeno formato, que se lê com

interêsse e aprendendo. Desmente, entretanto, o título. O que nêle se demonstra, não é, efetivamente, o valor da prece, mas da Doutrina Espírita. Esperavamos encontrar toda sorte de provas e de argumentos para afirmação da eficiência da prece, manifestação de confiança e de fé em Deus que nunca podemos dispensar, que nos admiramos haja, dentro do Espiritismo, quem se creia tão puro e evoluído, que a dispense. Ao contrário disso, depararam-se-nos capítulos admiráveis sobre os diferentes aspectos do Espiritismo, através de páginas fortes, bem traçadas,

que se lêem deliciando o espírito e enriquecendo a inteligência.

O VALOR DA PRECE, nem por não colimar, integralmente, à finalidade do título, deixa de ser um livro precioso e necessário nas mãos e diante dos olhos de espíritas cultos. E nas estantes de todo espiritualista estudioso, que gosta de examinar de tudo para escolher o que fôr bom.

Leopoldo Machado.

Para remessa de livros: Nova-Iguazú, E. Rio, Caixa, 6.

## \* CONFEDERAÇÃO ESPIRÍTICA PAN AMERICANA \*

(Conclusão)

CEPA

### ESTATUTOS

Art. 29—O Conselho Executivo deverá solicitar o voto direto das organizações filiadas, em cédula assinada e selada por suas Autoridades legalmente constituídas, no caso tomar uma resolução que comprometa o patrimônio econômico das organizações filiadas e nos casos em que assim o disponha, por qualquer circunstância.

Art. 30 — O Conselho Executivo convocará o Congresso Pan Americano Ordinário com um ano de antecedência, delegando a preparação e organização do mesmo a uma Comissão Organizadora composta de dez membros, que serão designados dentre as Autoridades das Entidades filiadas do país em que se deva êle celebrar. Esta Comissão será presidida pelo Presidente da Organização Central que conte com maior número de entidades filiadas e de associados. As designações deverão efetuar-se com oito meses de antecipação à data da celebração do Congresso, e a Comissão, uma vez constituída e designada suas autoridades, deverá manter-se em constante comunicação com o Conselho Executivo para efeito de receber instruções, combinar detalhes da organização e dar conta dos trabalhos realizados.

Art. 31—O Conselho Executivo se ocupará muito especialmente de unificar o movimento espírico de cada país em uma única Organização Central, empre-

gando os meios necessários à eliminação de todo o gênero de desinteligências e malentendidos, e interpondo seus bons officios no sentido de cessarem as divisões no campo espírico. Para tal efeito receberá das organizações que se encontrem nessas condições os antecedentes do caso e submeterá oportunamente ao Conselho Federal suas conclusões e a ação a adotar.

### VII — Presidência

Art. 32 — O Presidente, e em caso de impedimento o 1.º Vice Presidente e o 2.º, sucessivamente, representa a CEPA; preside às reuniões do Conselho Executivo, como as do Conselho Federal; subscreve com o Secretário Geral, as Atas, documentos e comunicações em geral; e com o Tesoureiro as ordens de pagamento; e resolve os casos urgentes que julgue necessários, com a obrigação de dar conta ao Conselho Executivo na primeira reunião que se realize.

### VIII — Secretária

Art. 33 — O Secretário Geral e no caso de impedimento, os demais Secretários, na ordem estabelecida no art. 26, tem a seu cargo a redação das Atas, documentos e comunicações em geral, firmando os mesmos juntamente com o Presidente; tudo quanto concerne aos trabalhos de secretaria, assistido por um Se-

cretário Administrativo, que se ocupará dos assuntos de trâmite interno e arquivo, por um Secretário de Relações, que se ocupará do fichário das Organizações filiadas, entidades adesas e particulares vinculadas ao ideal espírico; e por um Secretário de Imprensa e Propaganda, que se ocupará do Boletim oficial, como de toda publicidade de carácter espírico.

**IX — Tesouraria**

Art. 34 — O Tesoureiro, e em caso de impedimento, o 2.º Tesoureiro, é o responsável pela Tesouraria, recebe e deposita os fundos que arrecade; firma conjuntamente com o Presidente as ordens de pagamento e dispõe, da melhor forma, a contabilidade. Deverá prestar conta mensalmente ao Conselho Executivo do movimento de fundos e apresentar trimestralmente um balancete; e, anualmente, ao Conselho Federal.

**X — Patrimônio**

Art. 35 — O Patrimônio da CEPA compreende:

- a) As quotas anuais devidas pelas organizações filiadas e as contribuições das entidades aderidas e das individuais;
- b) O produto da venda de livros e publicações em geral que edite;
- c) Os recursos que o Conselho Executivo arbitre e os bens que venha a possuir por doações ou meios outros lícitos.

Art. 36 — No caso de que por qualquer circunstância haja necessidade de se dissolver a CEPA, todos os seus bens passarão à Federação Espírita Internacional.

**Disposição Transitória**

Art. 37 — O 1.º Congresso Espírico Pan Americano resolve autorizar o Conselho Executivo a, de conformidade com o Conselho Federal, dispôr quanto à oportunidade e propício momento da adesão da CEPA à Federação Espírita Internacional.

Êstes os Estatutos da CEPA, que, sem carácter oficial, embora, podemos oferecer aos leitores de «Revista Internacional do Espiritismo».

Por certo não são impecáveis. Há reparos necessários, a fazer, o que, será possível ao 2.º Congresso Pan Americano, a realizar-se no Brasil, em 1949, na Capital da República.

As dificuldades atuais, a experiência a decorrer da execução mesma dos presentes Estatutos, conduzirão à sua revisão, aliás sabiamente prevista e permitida em seu art. 16, *in fine*.

Nada pôde nascer perfeito. Tudo está sujeito à evolução. E, obra de homens, a CEPA e seus Estatutos são perfectíveis. O necessário; a iniciativa, o 1.º arranco, está realizado. Agora é progredir.

A CEPA tem um lindo programa. Seus objetivos, bem compreendidos merecem o apoio de todas as Entidades espíricas americanas orientadas para as verdadeiras finalidades da Doutrina e que se saibam conduzir dentro de seus sadios postulados.

Tendo aderido ao Congresso, «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», são fundadores da CEPA, e naturalmente continuarão integrados em seu quadro, não desmentindo, destarte, o sentido da Doutrina, que herdaram do inolvidável Cairbar Schutel.

**Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»**

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 40,00	Do 4.º ano Cr.\$ 40,00	Do 5.º ano Cr.\$ 40,00
Do 6.º ano . . . 40,00	Do 7.º ano . . . 40,00	Do 8.º ano . . . 40,00
Do 10.º ano . . . 40,00	Do 11.º ano . . . 60,00	Do 12.º ano . . . 60,00
Do 13.º ano . . . 60,00	Do 14.º ano . . . 60,00	Do 15.º ano . . . 70,00
Do 16.º ano . . . 80,00	Do 17.º ano . . . 60,00	Do 18.º ano . . . 60,00
Do 19.º ano . . . 60,00	Do 20.º ano . . . 60,00	Do 21.º ano . . . 60,00

# Crônica Estrangeira

## Um discurso de Victor Hugo

De «Spiritualisme»

*Deparamos no número de outubro de 1904, da Revue Scientifique e Morale du Spiritisme, com uma carta dirigida a seu Diretor, Gabriel Delannée, por René Lebois, que a seguir reproduzimos:*

Senhor Diretor

Frequentemente ouvimos repetir a palavra de Victor Hugo: «Os mortos são os invisíveis, mas não estão ausentes». Os vossos leitores talvez queiram conhecer por inteiro o discurso do qual foi extraída essa frase.

O grande poeta proferiu-o em 1865, em Guernêsey sobre o túmulo da srta. Emily de Putron. Eis o texto exáto que encontro numa velha publicação daquêl tempo:

«Em algumas semanas nós nos ocupámos com duas irmãs: fizemos o casamento de uma, e hoje sepultámos a outra. É êste o perpétuo extremecimento da vida. Inclifemo-nos, meus irmãos, ante o destino severo.

«Inclinemo-nos com esperança. Nossos olhos não foram feitos para chorar, mas para enxergar; nosso coração não foi feito para sofrer, mas para crêr. A fé em outra existência surge da faculdade de amar. Não o esqueçamos nesta vida inquieta mas confortada pelo amor, é o coração que crê. O filho espera encontrar seu pai. A mãe não se conforma com a perda eterna de seu filho. Esta repulsa da extinção é a grandeza do homem.

«O coração não póde errar. A carne é um sonho; ela se dissipa; êste desvanecimento, se fôsse o fim do homem, destruiria toda a afirmação da nossa existência. Não nos contentaremos com esta fumaça, que é a matéria; precisamos de uma certeza. Todo aquêl que ama sabe e sente que nenhum ponto de apôio do homem se encontra sobre a terra; amar, é viver além da vida; sem esta fé, não seria possível nenhum dote profundo do coração. Amar, que é o desígnio do homem, seria seu suplício; êste paraíso seria o inferno. Não! digamô-lo bem alto, a criatura amante exige a criatura eterna: o coração precisa da alma.

«Existe um coração neste esquite, e êste coração está vivo. Neste momento êle escuta as minhas palavras.

«Emily era o doce orgulho duma respeitável família patriarcal. Seus amigos e parentes sentiam o encanto da sua graça, e a festa do seu sorriso. Ela era como uma flôr de alegria desabrochada em sua casa. Desde o berço, envolviam-na todas as ternuras; ela cresceu venturosa, e recebendo venturas, ela as distribuia; amada, amava: ela acaba de partir!

Aonde foi Emily? Para a sombra? Não.

Somos nós os que estamos na sombra. Ela, ela está na aurora. Ela está no esplendor, na verdade, na realidade, na recompensa. Êsses jovens mortos, que nenhum mal fizeram na vida, são os bem-vindos do túmulo, e sua cabeça se eleva docemente fóra da sepultura para receber uma coroa misteriosa. Emily de Putron foi procurar, lá no alto, a felicidade suprema, complemento das existências inocentes. Ela partiu: juventude para a eternidade; beleza para o ideal; esperança para a certeza; amor para o infinito; pérola para o oceano; espírito para Deus.

Vai, alma!

O prodígio desta grande partida celeste que se chama morte, é que os que partem não se afastam. Encontram-se num mundo de claridade, mas assistem, testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas. Eles estão no alto e bem perto. Oh! quem quer que sejais que tenhais visto esvaecer-se um sêr caro no túmulo, não vos julgueis por êle abandonado. Êle sempre está convosco. Êle está mais ao vosso lado do que nunca. A beleza da morte, é a presença. Presença *inexprimível* das almas amadas, sorrindo aos nossos olhos em lágrimas. O sêr pranteado desapareceu, mas não partiu. Não mais percebemos seu doce semblante. Sentimo-nos sob suas asas. *Os mortos são os invisíveis mas não estão ausentes.*

Façamos justiça à morte. Não sejamos ingratos para com ela. Ela não é, como se diz, um aniquilamento ou emboscada. É um êrro acreditar que aquí, nesta obscuridade da sepultura aberta, tudo se perde. Aquí tudo se reencontra. O

túmulo é um lugar de restituição. Aquí a alma se lança para o infinito; aquí ela recupera sua plenitude; aquí entra na posse de toda sua natureza misteriosa; ela está desligada do corpo, livre da necessidade, desatada do fardo, desligada da fatalidade. A morte é a maior das liberdades. É também o maior dos progressos. A morte é ascensão de tudo o que viveu em grau superior. Ascensão deslumbrante e sagrada. Cada qual recebe o seu acréscimo. Tudo se transfigura na luz e pela luz. Aquêles que só foi honesto sobre a terra, torna-se belo; aquêles que só foi belo, torna-se sublime; aquêles que só foi sublime, torna-se bom.

Eu abençôo o sêr nobre e gentil que está nesta cova. Emily foi uma das encantadoras almas reveladas. Eu a abençôo na profundidade sombria. Em nome das aflições sobre as quais ela docemente cintilou, em nome das provas do destino, terminadas para Emily, continuadas por nós, em nome do que ela outróra esperou e de tudo o que ela hoje obteve, em nome de tudo o que ela amou, eu abençôo esta morta; eu a abençôo na beleza de sua juventude, em sua doçura, em sua vida e em sua morte; eu a abençôo em sua alva roupagem sepulcral, em sua casa que deixa desolada, em seu ataúde que sua mãe encheu de flôres e que Deus vai encher de estrelas!

*Victor Hugo.*

✱

## Na Inglaterra não poderão transmitir programas de hipnotismo por televisão

«Constancia»

Londres, Dezembro 20 (U. P.) — A British Broadcasting Company revelou hoje que abandonará a idéia de transmitir, por televisão, um novo programa de hipnotismo em ação, porque as pessoas que

assistiram ás provas experimentais caíram presas de intenso sono hipnótico e supõe-se que o espetáculo «poderia tornar-se perigoso».

O perito em hipnotismo foi Peter Casson que afirma poder fazer cair as pessoas sob seu influxo, sem falar-lhes e ainda sem fixá-las.

As provas se efetuaram nas salas de televisão de Alexandra Palace da B. B. C. Uma joven que observava a atuação de Casson por meio do aparelho de televisão em sala obscurecida, caiu profundamente adormecida. Demais, quatro, dos seis membros da B. B. C., que se haviam oferecido voluntariamente para servir à experiência, caíram adormecidos e foi preciso sacudi-los rudemente para despertarem.

Num segundo ensaio Casson conseguiu influenciar quatro de seis espectadores, entre os quais se encontrava Miss Gillan Webb, uma das locutoras de televisão.

A corporação não tinha em vista um programa orgânico de hipnotismo, mas pretendia introduzir atos de televisão como incidentes pitorescos no programa corrente de suas emissoras. Dizem que as provas em aprêço estavam de acôrdo com a política da B. B. C. de ensaiar todos os programas para avaliar a provável reação do auditório antes de enviá-los ao éter.

Casson, que teria conseguido transmitir o seu programa, se não fosse tão eficiente na sua arte—para assim nos exprimir—há dez anos está interessado em hipnotismo e descobriu que facilmente pôde hipnotizar qualquer pessoa. «Quando apareci diante das câmaras, fixei a atenção de meu auditório, falando-lhe; em seguida as câmaras captaram unicamente meu rosto em toda extensão da pantalha. Contudo, a maior parte do meu êxito devo-o ao somido». Acrescentou que pôde hipnotizar pelo telefone, mas considera arriscado o processo.

## TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

*Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:*

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Semana Espírita de Cruzeiro

Crônica de Amadeu Santos.

A Semana Espírita Cristã, de Cruzeiro, pelo Carnaval dêste ano, revestiu-se do mais líquido brilhantismo. Curiosidades atraentes, surpresas prodigiosas, factos e ocorrências novos, uma porção, enfim, de atrações, coroaram êsse simpático, oportuno e proveitoso movimento de character confraternativo, aproximando almas, recreando espíritos e elucidando consciências, sob a influência dúlcida das graças da 3.<sup>a</sup> Revelação Divina. Uma semana inteira de seduções, de encantamentos e alegrias espirituais. O número de «freguezes» novos da Semana foi considerável, os quais receberam o seu batismo espiritual, sendo mimoseados com doces lembranças e belos presentes, em sessão plena, nas várias solenidades da Semana. A Juventude Espírita, pela representação de um não pequeno número de instituições de jovens espíritas de cidades várias, constituiu, sem dúvida a nota harmoniosa do grande certame, emprestando um colorido alegre e buliçoso ao ambiente. A Mocidade Espírita local, principalmente, cuja organização conta a idade de apenas um ano, impressionou-nos pelo seu acentuado progresso, pelas iniciativas prodigiosas que apresentaram, no campo fértil da prática e do exemplo. Muitas jovens conduzindo os seus «escrínios» de pérolas, ou «relicários do pensamento» buscavam entesostrar doces expressões afetivas nos seus idolatrados albuns. A Odete de Carvalho exige-nos um pensamento que externamos dêste jeito :

Odete, irmã mui querida,  
Eu desejo que tua vida  
Seja bela e proveitosa,  
Dedica-te aos pobrezinhos,  
Afim de que, em vez de espinhos,  
Tenham sonhos côr de rosa...

Sonhos de amor e beleza,  
De vibração e pureza-  
No serviço espiritual!  
Melhora os teus sentimentos  
E ameniza os sofrimentos,  
Pautando os teus pensamentos  
Nas regras da sã moral.

Trabalha, medita e óra  
E procura, desde agora,  
Fugir as malhas do vício...  
Segue as pègadas de luz  
Do amado Mestre Jesus,  
Inda que com sacrifício.

A graciosa Andia de Aguiar, reclama: «também quero que escreva em meu album!» Pois não :

Minha irmãzinha adorada,  
Procura fazer-te amada...  
Dos fracos, dos pobrezinhos!  
Estende-lhes tua mão.  
De amorosa proteção,  
Envolvendo-os de carinhos...

Andia! sê boa e pura,  
Livrando da desventura  
Os reclusos do destêrro  
Terrenal. E sê prudente.  
Ajudando a toda a gente.  
A libertar-se do êrro.

Com amor e caridade.  
Ensina sempre a Verdade,  
A'queles que não teem luz.  
Dedica-te aos sofredores,  
Amenizando-lhe as dôres  
Das provas da sua cruz.

E as ocorrências mais simples se transformavam em motivo de intensificação e estreitamento dos laços de fraternidade, consolidando os altos objetivos do movimento aproximativo dos semaneiros espíritas. As sessões de reabastecimento espiritual em lugares aprazíveis, ao ar livre, quer no «Horto de Célia» ou à margem do Paraíba, constituíram-se de um brilho notável. As tardes de surpresas evangélicas, desta vez mais interessantes e cheias de vibração potente, também foram muito apreciadas. As solenidades noturnas, realizadas na séde do Centro Espírita «Vicente de Paula», sucediam-se, em brilhantismo, emotividade e espiritualidade; num crescendo contagiante e impressionante, sendo oportuno realçar a «Noite da Mulher Espírita», onde os representantes do sexo feminino atuaram com proficiência, sabedoria, engenho e arte... Todavia, o que mais nos impressionou, sem dúvida,

foi a visita que fizemos aos presos da Cadeia Pública local, onde se nos apresentaram à imaginação, cenas profundas de grande emotividade. As claridades maviosas do Evangelho, interpretado em espírito e verdade, ecoaram nos quatro cantos do lugubre recinto a recordar o inesquecível dia de Pentecostes! Junto às possantes grades dos cubículos, os reclusos, anciãos e jovens, segregados ao convívio social, talvez por crimes a que escapam muitos delinquentes... atentavam para o espectáculo maravilhoso daquela manhã inesquecível, deslumbrados e estasiados pelas bençãos do Senhor, cuja explosão se consubstanciava nas consolações evangélicas, ali ministradas sob a égide da Fraternidade, pelos representantes de Salutar Doutrina dos Espíritos. Os detentos confraternizavam-se sob a elegante manifestação dos sentimentos afetivos dos cristãos novos. E, não raro, a emoção os dominava derramando consoladoras lágrimas de enternecido contágio divino, ressumbrando das palavras de carinho e sã moral que os empolgava, avivando-lhes a consciência, enchendo-os de arrependimento e esperança. Vários foram os maneiros a usar da palavra, cada qual discorrendo sobre as questões sociais, à luz do Espiritismo, tendo o Delegado de Polícia, contagiado pela vibração do momento, usado da palavra para esclarecer que os presos já estavam contaminados pela excelcitude dos Evangelhos, graças à assistência que êle mesmo, spiritista militante, com o estímulo da «Mocidade Espírita Cristã», lhes tem ministrado, aprimorando-lhes os caracteres pelo empolgamento das suas consciências, aguçando-lhes o gosto pelas coisas sérias, altruísticas e elevadas que se relacionam com a moral evangélica e correspondem às exigências do nosso espírito para a conquista da felicidade futura. Outro acontecimento que nos impressionou foi o «Almoço da fraternidade», não porque tenhamos vocação para glutão, sim pelo que, de espiritualidade e sentimento, se revestiu o «cardápio espiritual», dirigido pelo Leopoldo Machado, que, proferindo a prece inicial, passa a palavra ao genial poe-

ta Sebastião Lasneau, que oferece deliciosa «iguaria» em versos improvisados, de paladar evangélico. O Jacques Aboab serve também, com sentimento e concisão um dos pratos do «Menu espiritual». O café capitoso da espiritualidade é servido pela jovem Ilza Claves de Almeida. E o singular Almoço termina com «Os palitos espirituais», que tivemos o prazer de servir, como se segue :

Os palitos que devemos  
Usar nas lidês do bem,  
Serão feitos de renúncia  
E sacrifício também.

Os detritos que nos ficam,  
Das impurezas, no Eu,  
Só se limpam bem com a luz  
Do exemplo que o Cristo deu.

Sacrificando os caprichos  
E as vaidades que nos cegam,  
Limpamos as más tendências  
A que os humanos se apegam.

Façamos da nossa vida  
Um primor de singeleza  
Sem precisar de palitos  
Para afastar a impureza.

Sejamos sempre zelosos,  
Cheios de amor e altruísmo,  
Atacando a treva e o mal  
Com as luzes do Espiritismo.

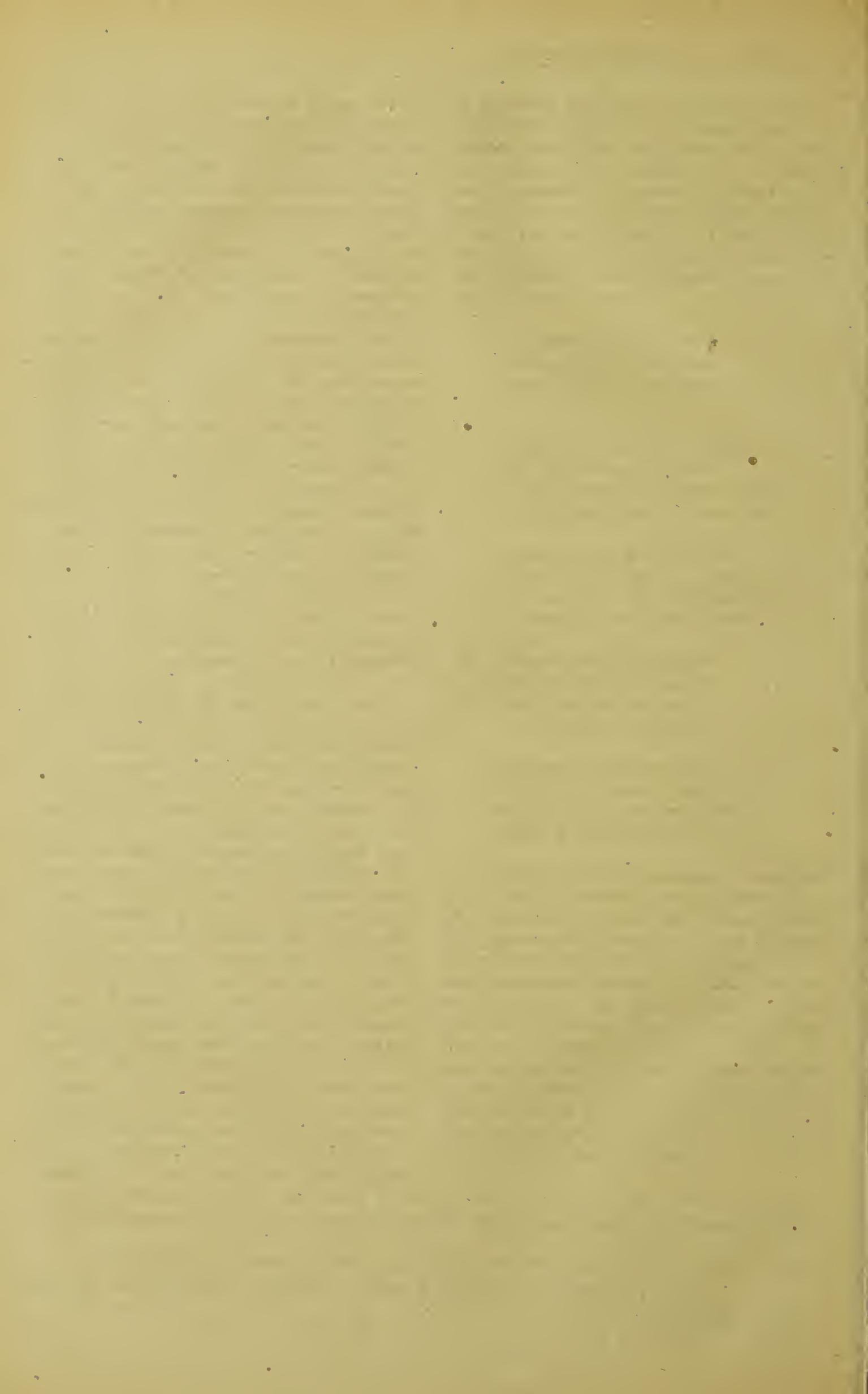
Regressando ás 23 horas a caravana do Distrito Federal, da qual fazíamos parte, assistimos ainda a um dos episódios mais graves do certamen: o da despedida. Altas horas da noite e lá estava a turma maciça dos maneiros para a permuta dos abraços, de permeio com o som de vários hinos cristãos, que eram entoados pelos espaços de mistura com a explosão das emoções e do derrame de copiosas lágrimas. E assim tivemos a felicidade de gozar horas de inesquecíveis vibrações, de profundas meditações e de doces consolações espirituais.

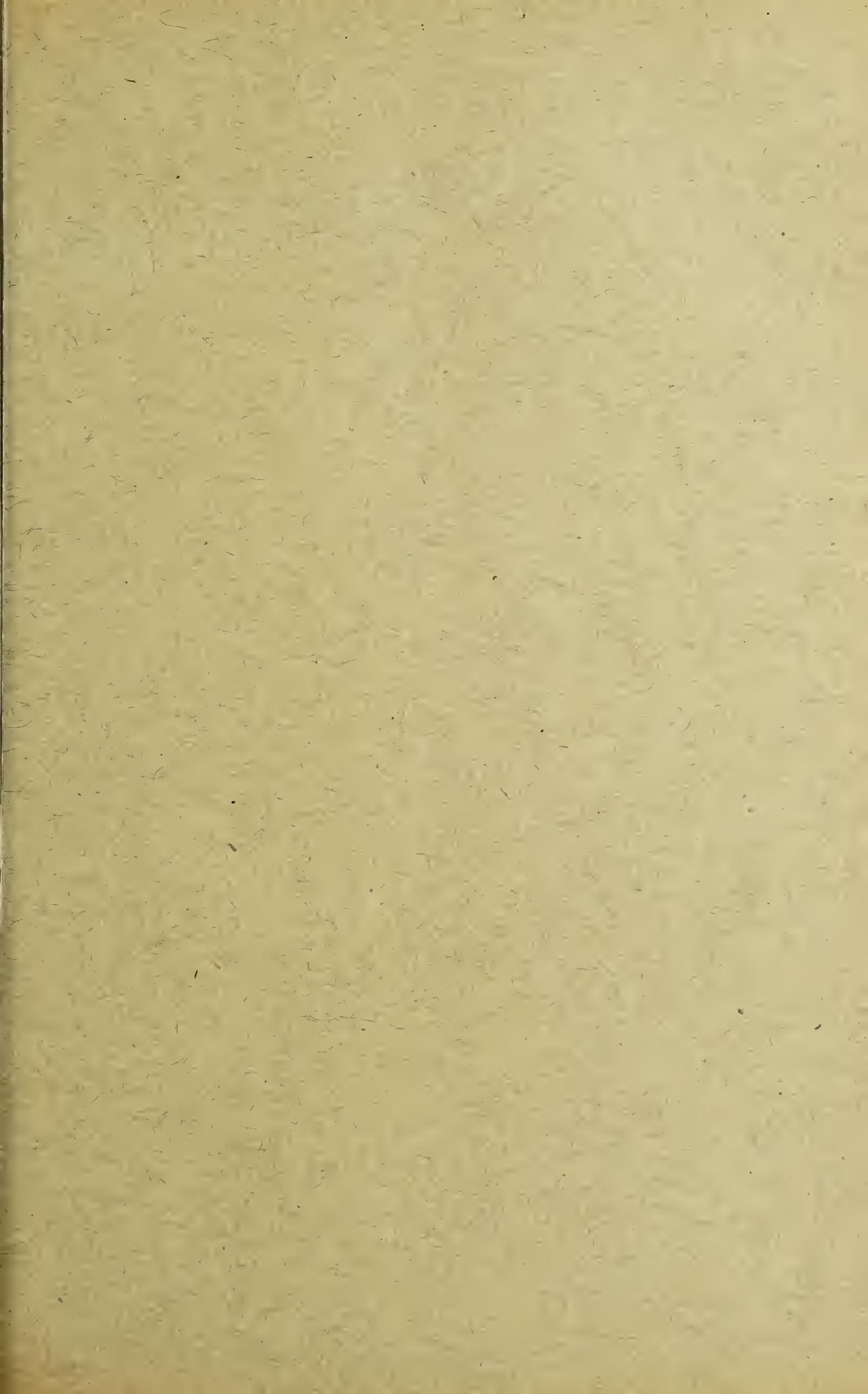
Rio de Janeiro, 9 de Março de 1947.

A Verdade é como o sol; toldada momentaneamente pela ignorância do homem, reaparece mais brilhante e cheia de vida.

CAMARGO.







# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: José da Costa Filho*

*Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

**NUMERO AVULSO CR. \$2,00**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro



